Ascendentes Açorianos da Família Castro – Séculos XVI a XVIII

Eduardo Bezerra Neto

Ao publicar em 1883 o seu livro *A Família Castro*, o Barão de Studart citava tão-somente os pais e os avós paternos de José de Castro Silva, o primeiro deste nome e tronco da família, nascido na Ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açores, a 20 de setembro de 1709.

A data de sua vinda para o Brasil não se pode determinar, porém, existe o registro do seu casamento a 27 de maio de 1748, na fazenda Araré, então referida como termo da Vila da Aracati mas que hoje integra o município de Itaiçaba. A noiva Anna Clara da Silva era Bezerra de Menezes por parte de mãe.

Na reedição do citado livro, feita nos tomos LXXII e LXXIII da *Revista do Instituto do Ceará*, anos de 1958 e 1959, foram integralmente reproduzidos os nomes dos pais e dos avós paternos de José de Castro Silva, sem qualquer acréscimo em notas de rodapé, o que ocorreu em relação a diversas outras partes da publicação original, a título de corrigenda e de novos subsídios.

Não obstante, ao publicar em 1910 o primeiro volume de seu monumental *Dicionário Biobliográfico Cearense*, o Barão de Studart avançou bastante na identificação dos ascendentes açorianos da família Castro. No verbete sobre João Facundo de Castro Menezes o célebre Major Facundo, bisavô materno do autor, são mencionados antepassados até à quinta geração ascendente de José de Castro Silva, incluindo-se diversas datas de nascimento e de casamento, bem assim a indicação de lugares onde viveram os ancestrais relacionados.

Após a menção dos nomes, datas e lugares, o Barão de Studart revela que os dados lhe haviam sido fornecidos em janeiro de 1884 pelo Reverendo Jacintho Pereira de Medeiros, Vigário da Freguesia da Ribeira Seca, Vila da Ribeira Grande.

Ocorre que na década de 50, compulsando papéis avulsos deixados por Soares Bulcão, genealogista incansável que foi, encontrei duas folhas manuscritas, anotadas na frente e verso, que no topo da primeira consigna o seguinte registro:

> "Feito por José Pedro da Costa, de Ponta Delgada. Ilha de São Miguel (outubro de 1885 a 17 de janeiro de 1886)."

Nas folhas, no meio a inúmeros outros nomes de pessoas ligadas ao tronco comum, encontravam-se os ascendentes de José de Castro Silva, por seis gerações, até alcançar a data mais recuada, em 1542.

Porquanto o documento não me pertencia e na época já revelava sinais evidentes de deterioração, mandei fotografá-lo, preferindo trabalhar com ampliações em preto e branco, de manuseio bem mais fácil. Os dados que então me interessavam incluí no estudo genealógico da família Bezerra de Menezes, onde a família Castro e Silva do Ceará se integrou por mais de cinco gerações consecutivas, a partir do próprio tronco português-brasileiro.

Os negativos e as cópias foram arquivados e nas vezes em que foram manuseados não despertaram maior atenção. Já neste ano de 1986 resolvi me deter uma vez mais sobre as ampliações do manuscrito. Suspeito que ao verificar a data secular de sua conclusão esta me induziu um interesse maior. Reexaminando os apontamentos ali registrados, fui levado à constatação de que era bem mais detalhado do que à primeira vista parecia conter e, principalmente, era criteriosamente preciso na indicação das fontes documentais que lhe deram origem. E mais ainda, o manuscrito alarga, em muito, os nomes contidos no *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, a par de ensejar algumas correções e dados nele contidos.

Embora encontrado em meio a papéis deixados por Soares Bulcão, que a operosidade do historiador Raimundo Girão conseguiu salvar de destino incerto, o manuscrito pertenceu, evidentemente, ao Barão de Studart, estudioso primeiro e maior da família Castro. Já decorridos 48 anos do falecimento do Barão de Studart e 44 anos do falecimento de Soares

Bulcão, carece de sentido conjecturar como o documento passou das mãos de um para o outro, e por quais circunstâncias permaneceu inédito. O que importa no momento é tornar público o seu conteúdo, com toda a riqueza de informações que contém.

O presente trabalho, todavia, não esgota o conteúdo das folhas manuscritas, por três razões principais: a primeira, é que as anotações foram feitas sem muita ordem, o que dificulta, algumas vezes, a identificação dos vínculos; a segunda, é que a leitura de uma das ampliações, por sinal a folha 1, torna-se difícil em diversas partes, visto que a tinta das anotações no verso penetrou na fibra do papel, gerando sombras na face anterior; a terceira, é que existem espaços borrados, também de leitura difícil, sinais evidentes de dano causado por água, que deve ter ocorrido em algum período anterior, atualmente impossível de se determinar quando. Por fim, os bordos desgastados tornaram incompletas algumas anotações.

Em razão de todos esses elementos, o esforço de leitura se concentrou sobre os vínculos de sucessão que convergem até José de Castro Silva.

A título de observação prévia, consta no canto superior esquerdo do manuscrito uma nota explicativa sobre os assentamentos paroquiais nos livros consultados. Diz, textualmente, a nota:

> "Nesta epocha os parochos constumavam lançar os termos com a maior simplicidade, deixando a maior parte das vezes só os nomes dos nubentes. E quando eram viuvos tambem não diziam de quem."

Ora, sendo isso verdade, aqui fica implícito o zelo de José Pedro da Costa, autor do manuscrito. A despeito de serem sumários os assentamentos, ele pesquisou todos os ascendentes a que pôde chegar, com indicação do número do livro e da página de cada batizado, casamento e óbito que conseguiu identificar. Sem dúvida, o Barão de Studart foi um pesquisador minucioso. José Pedro da Costa, ao informá-lo sobre os ascendentes de José de Castro Silva, deu provas de possuir as mesmas qualidades. A comparação vale, igualmente, como elogio do autor do manuscrito, que bem o merece.

Conforme já dito, as observações que se seguem ligam-se exclusivamente aos ancestrais diretos de José de Castro Silva tocando apenas eventualmente em algum colateral. O conteúdo restante do manuscrito, não considerado na presente análise, refere-se aos colaterais que permaneceram na Ilha de São Miguel, cujos vínculos com os Castro do Ceará se perderam ao longo do tempo.

A folha 1 do manuscrito inicia pelo ancestral açoriano mais remoto, até chegar a José de Castro Silva. A seqüência começa em Thomé Vaz, que casou com Catharina Martins, na Matriz da Ribeira Grande, Ilha de São Miguel, a 23.12.1542 (Livro 1º folhas 3 verso), sendo testemunhas Martim Leão, Vicente Nunes e Simão Fernandes.

Foi filho do casal Pedro Rodrigues, batizado na Matriz da Villa da Ribeira Grande a 22.11.1544 (Livro 1º folhas 35 verso). Casou com Anna Gaspar, na freguesia de São Pedro da Ribeira Seca, a 23.1.1586 (Livro 1º folhas 3). A nubente era filha de Gaspar Gonçalves e Joanna Fernandes. Anna Gaspar faleceu a 29.10.1593, sem testamento (Livro 1º folhas 11 verso). Por sua alma foram rezados ofícios de 3 lições. Joanna Fernandes, sua mãe, faleceu a 7.11.1600 (Livro 1º folhas 15 verso).

Pedro Rodrigues e Anna Gaspar foram pais de Anna da Ponte, cuja data de batismo não consta do manuscrito. Casou com Manoel da Rocha a 3.12.1613, na freguesia de São Pedro da Ribeira Seca (Livro 1º folhas 34 verso). O nubente era filho de Domingos da Rocha e Maria Jacome, ambos naturais de Villa Franca do Campo, de onde se presume ser também a origem do noivo.

Aqui comportam algumas retificações ao *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, no verbete sobre o Major João Facundo de Castro Menezes (Volume I, páginas 460-461).

Nele Pedro Rodrigues é designado Pedro Reis da Ponte. A fonte indicada no Dicionário, o já citado Reverendo Jacintho Pereira de Medeiros, deve ter transcrito a abreviatura de Rodrigues, que naquela época admitia duas formas: "Rois" ou "Roiz". Como as notas do vigário foram também manuscritas, "Rois" foi entendido como Reis e dessa forma passou ao livro. O acréscimo "da Ponte", que o Barão de Studart admite, deve ter sido obtido da fonte que cita, ou deve ter deduzido a partir do sobrenome da filha. Contudo, não consta do manuscrito em análise. Não obstante, sabe-se que não havia muita precisão quanto a nomes nos registros paroquiais antigos. Se

a filha adotou o sobrenome "da Ponte", é de se presumir tenha tido origem no nome do pai. Ou seja, é admissível que o nome completo fosse Pedro Rodrigues da Ponte, em lugar de Pedro Reis da Ponte. Também aqui prefiro respeitar a grafia que consta no manuscrito sob exame.

O Dicionário designa Anna Gaspar como Anna Gonçalves da Ponte. Também aqui prefiro respeitar a grafia que consta no manuscrito.

Anna da Ponte e Manoel da Rocha foram pais de Miguel da Rocha, que casou com Barbara Rodrigues na mesma freguesia de São Pedro da Ribeira Seca, a 29.2.1640 (Livro 1º folhas 63). Esta foi filha de Manoel de Faria, viúvo, natural de Fayal da Terra, e de sua segunda mulher Maria Luiz, cujo casamento data de 7.1.1603, em São Pedro da Ribeira Seca (Livro 1º folhas 23 verso). Maria Luiz era filha de João Thomé e Anna Rodrigues, que também se casaram em São Pedro da Ribeira Seca a 4.11.1581 (Livro 1º folhas 9 verso). No registro deste último casamento não constam os nomes dos pais do João Thomé. Todavia, entre parênteses consta a observação "(o que era costume". O mesmo João Thomé faleceu a 15.9.1602, com testamento, onde constava o pedido de 10 ofícios por sua alma, de par com vários legados à igreja de São Pedro. Aqui o autor do manuscrito esqueceu-se de mencionar o livro e a folha.

Anna Rodrigues foi filha de Bartholomeu Rodrigues (abreviado "Rois" no manuscrito) e Anna Luiz. Anna Rodrigues faleceu a 28.3.1617 (Livro 1º fls. 27). Seu pai, Bartholomeu Rodrigues, faleceu a 13.10.1608 (Livro 1º folhas 20 verso). A mãe, Anna Luiz, faleceu a 4.6.1599 (Livro 1º folhas 14 verso). Designou como testamenteiro seu genro Ruy Lopes, com recomendação de ofícios por sua alma. Todos esses dados são de São Pedro da Ribeira Seca.

Retornando ao *Dicionário Biobibliográfico Cearense* (vol. I, páginas 460-461), nele consta, como pais de Anna Fernandes, Manoel de Farias e Maria Luiza Farias. Há, portanto, duas retificações a fazer: o sobrenome de Manoel é Faria, no singular, enquanto que o nome de sua esposa é Maria Luiz, o segundo nome no masculino. Note-se que a avó de Maria era Anna Luiz, conservando a mesma forma nominal.

A fim de tornar os dados familiares mais completos, é oportuno acrescentar aqui três datas que o vigário Jacintho Pereira de Medeiros forneceu ao Barão de Studart em 1884. Miguel da Rocha nasceu a 10.10.1618 e Barbara Rodrigues

nasceu a 12.7.1609. A mulher era 9 anos mais velha que o marido, Manoel de Faria, pai de Barbara Rodrigues, faleceu a 10.7.1623. Todos os dados se referem a São Pedro da Ribeira Seca.

Também é oportuno notar que as datas citadas pelo Pe. Jacintho Pereira de Medeiros, quando anotadas por José Pedro da Costa, no manuscrito, todas coincidem. Não há quaisquer divergências que suscitem dúvidas. Ambos foram criteriosos.

Miguel da Rocha e Barbara Rodrigues foram pais de Victoria Rodrigues da Ponte, que casou com Manoel Dias Payão em São Pedro da Ribeira Seca, a 5.9.1676 (Livro 2º folhas 11 verso e 12). O nubente era filho de Francisco Dias Payão e Anna Fernandes. Victoria Rodrigues da Ponte faleceu em São Pedro com 77 anos, a 13.9.1734, com ofícios e sepultamento no Convento de São Francisco da Ribeira Grande (Livro 3º folhas 130 verso). Manoel Dias Payão faleceu em São Pedro a 28.8.1717 (Livro 3º folhas 67 verso).

No *Dicionário Biobibliográfico Cearense* (vol. I, páginas 460-461) consta que Victoria da Ponte nasceu a 26.11.1651, o que não coincide com a data que se obteria pela dedução da idade na época do óbito. Neste caso, entretanto, prevalece a data fornecida pelo vigário Jacintho Pereira de Medeiros, visto que as idades registradas nos óbitos antigos quase sempre eram imprecisas.

Sobre Manoel Dias Payão, o manuscrito contém um detalhe que merece atenção. No documento foi grafado Manoel Dias da Ponte Payão. Contudo, o "da Ponte" foi cortado com traço em cima, o que representa sinal evidente de retificação do nome, mantendo-o fiel ao assentamento paroquial.

A respeito de seus pais, Francisco Dias Payão e Anna Fernandes, existe uma nota ao lado dos dois nomes, que transcrevo:

> "Moradores em Rabo de Peixe, cujo casamento não se encontra lá, nem nas freguesias circunvizinhas naquela epocha — ou porque o parocho não lançou o termo ou porque casou fora de Rabo de Peixe, e os livros de algumas dessas freguesias estragaram-se. Os termos de casamento em Rabo de Peixe começam (hoje 1885) em 1623; os de batismo em 1577; os de óbito em 1574."

Victoria Rodrigues da Ponte e Manoel Dias Payão foram pais de Manoel Dias da Ponte Payão, batizado em São Pedro

da Ribeira Seca a 10.8.1679 (Livro 3º de bapt. folhas 49 verso). Uma nota no canto inferior direito do manuscrito esclarece:

> "O padrinho de baptismo de Manoel Dias da Ponte Payão, filho de Manoel Dias da Ponte, foi José da Silva, mancebo solteiro, filho de outro do mesmo nome."

Casou este segundo Manoel a 22.4.1702, em São Pedro (Livro 2º folhas 54 verso) com Maria Lopes, batizada na mesma freguesia a 10.1.1679, tendo por padrinho Domingos da Silva (Livro 3º de bapt. folhas 47 verso). Foram pais da nubente Antonio Lopes Feio e Maria Dias.

Manoel Dias da Ponte Payão e Maria Lopes foram pais de José de Castro Silva, o qual, na expressão textual do manuscrito,

> "Nasceu a 20.9.1709. Baptisado a 24 de setembro do dito anno em São Pedro da Ribeira Seca, termo da Villa da Ribeira Grande — Livro 4º folhas 106 verso."

Por que teria José de Castro Silva adotado nome tão diferente daquele de seus ascendentes? Uma conjectura pode partir do nome do padrinho de seu pai: "José da Silva, mancebo solteiro", como atestava o assentamento paroquial. Este poderá ter mantido vínculos estreitos com a família do seu afilhado, e por isso o nome foi projetado no filho deste.

Mas permanece por esclarecer a introdução do Castro no sobrenome.

Neste particular, desperta atenção outra parte do manuscrito, onde consta que Manoel Dias da Ponte Payão teve um irmão chamado Antonio Dias da Ponte, que foi batizado em São Pedro a 17.6.1677 e lá também casou a 27.8.1701, com Thereza da Costa Columbreira ou de Sousa (os dois sobrenomes alternativos constam do manuscrito), filha de João da Costa Columbreira e Izabel de Sousa. O casal Antonio e Thereza teve uma filha que veio a se chamar Thereza Clara de Castro. Esta casou em Ponta Delgada a 20.8.1732 com Francisco Carreiro Cabral, filho do Alferes Antonio Cabral e Thereza Marques.

Resumindo: Manoel Dias da Ponte Payão foi pai do José de Castro Silva; seu irmão, Antonio Dias da Ponte, foi pai de Thereza Clara de Castro.

As razões do surgimento paralelo do novo patronímico não transparecem no manuscrito. Este apenas registra o fato.

Inversamente da folha 1, que começa com o antepassado mais remoto, até chegar ao mais recente, a folha 2 parte do mais recente e sobe até os mais remotos. Nesta, o ponto de partida é Maria Lopes, mãe de José de Castro Silva. Foram seus pais, conforme já visto, Antonio Lopes Feio, natural da Ribeira Grande, e Maria Dias, natural de São Pedro da Ribeira Seca.

Antonio Lopes Feio casou com Maria Dias em São Pedro, a 8.8.1670 (Livro 2º folhas 4 verso). Foram pais do nubente Manoel Dias da Ponte Payão que faleceu sem testamento a 11.11 Repete em relação à mãe e à noiva de Antonio Lopes Feio, embora se trate, evidentemente, de pessoas distintas.

Antonio Lopes Feio faleceu a 28.8.1723, com ofícios e testamento (Livro 3º folhas 86). Maria Lopes faleceu a 19.5. 1754, com ofícios de 9 lições e 30 missas (Livro 4º folhas 79). Manoel Dias da Ponte Payão faleceu sem testamento a 11.11. 1754, com ofícios grátis e 30 missas (Livro 4º folhas 82 verso). Todos os óbitos ocorreram em São Pedro da Ribeira Seca.

Manoel Lopes já é dado como falecido ao tempo do casamento do filho. Havia ele casado em segundas núpcias, na Matriz da Ribeira Grande, com Maria Dias, a 11.11.1634 (Livro 3º folhas 51). Sua primeira esposa foi Maria Gonçalves, com quem casara na mesma Matriz a 22.9.1629 (Livro 3º folhas 23). Esta era filha de Pedro Fernandes e Joanna Rodrigues. Permaneceu casado com a primeira mulher, portanto, cerca de quatro anos.

O mesmo Manoel Lopes Feio era filho de Pedro Feio, natural da Ribeira Grande, mas que casou em São Pedro da Ribeira Seca com Catharina Manoel, natural de São Pedro, a 4.5.1597 (Livro 1º folhas). Neste casamento o autor do manuscrito se esqueceu de transcrever o número da folha.

Na anotação do casamento de Pedro Feio consta que era filho de "Pedro Feio e sua primeira mulher". Seguindo-se ao nome do pai, o autor do manuscrito acrescentou, entre parênteses, "(foi testamenteiro da mulher)" e adiante acrescenta, também entre parênteses, "(cujo nome não diz mas é Catharina Lopes, já falecida)". Outra nota existe, no canto superior direito da folha 2, que esclarece:

"Falleceu Catharina Lopes a 21.4.1596, na Matriz, com testamento. Várias missas e offícios. (Livro 1º folhas 11 verso)."

Interpretando o assentamento de forma mais clara: Catharina Lopes faleceu a 21 de abril de 1596 na Vila da Ribeira Grande e foi sepultada na Matriz da Vila, tendo deixado testamento com disposição sobre missas e ofícios por sua alma.

Resumindo: Pedro Feio foi filho de Pedro Feio e Catharina Lopes.

Catharina Manoel, esposa de Pedro Feio e mãe de Manoel Lopes Feio, era filha de Manoel Gonçalves Cheira e sua primeira mulher, Catharina Pires, já falecida na data de casamento da filha, 1597.

No manuscrito, o autor transcreveu de forma abreviada "Mel. Glzv. Cheira — dro. Reconheço as duas primeiras abreviaturas, que são bastante freqüentes na grafia da época dos assentamentos. Trata-se, sem dúvida, de Manoel Gonçalves Cheira. Todavia, desconheço o significado de "dro".

Maria Dias, segunda mulher de Manoel Lopes Feio, foi filha de Gaspar Rodrigues, natural da Ribeira Grande, mas que também casou em São Pedro da Ribeira Seca, a 21.1.1600 (Livro 1º folhas 22) com Luzia Dias. Os pais de Gaspar Rodrigues foram Manoel Rodrigues e Joanna Rodrigues, que casaram na Matriz da Ribeira Grande a 14.7.1577 (Livro 1º folhas 67). O nubente era filho de Gaspar Rodrigues e Isabel Martins. A nubente teve por pais Francisco Rodrigues e Beatriz Alvares, já falecida. Nota-se com clareza que Manoel e Joanna eram primos.

Luzia Dias foi filha de Gaspar Dias e Francisca Lopes, que casaram em São Pedro da Ribeira Seca a 25.1.1578 (Livro e folhas ilegíveis). Gaspar Dias foi filho de Gaspar Dias e Catharina Lopes, ambos de Rabo de Peixe. A leitura dos nomes dos pais de Francisca Lopes não é fácil. Trata-se, porém, de Braz Lopes, falecido, e Beatriz Rodrigues.

A morte de Francisca Lopes, esposa de Gaspar Dias, mereceu um registro especial, que se encontra no canto superior esquerdo da folha 2 do manuscrito. A transcrição é a seguinte:

"Francisca Lopes, mulher de Gaspar Dias, que casou em 1578, São Pedro, abaixo. Faleceu no mar no acto de acudir a uma menina levada pelas ondas (Livro 1º de obitos de São Pedro folhas 24)."

O heroísmo de Francisca Lopes comoveu o pároco, que perpetuou a lembrança do acontecimento através do registro que fez. Também José Pedro da Costa deve ter experimentado o mesmo sentimento; tanto que transcreveu o termo paroquial, citou livro e página, mas esqueceu a data. E hoje, 1986, quase 400 anos transcorridos, a memória do sacrifício ainda comove.

Maria Dias, natural de São Pedro, esposa de Antonio Lopes Feio, tem a seu respeito uma anotação que, igualmente, convém transcrever:

> "Falleceu com 100 anos *(sic* mais é engano do parocho) em São Pedro, a 30.12.1741 — officios e 100 missas — (Livro 3º folhas 47)."

O autor do manuscrito não apresenta as razões para duvidar da idade indicada no assentamento do óbito. Seguramente, porém, deve ter se apoiado na data de casamento dos pais, que ocorreu 20 anos antes do casamento da filha. Portanto, se ao casar em 1670 Marias Dias tinha 20 anos, sua idade ao morrer seria de 91 anos. Essa referência demonstra que viveu bastante, ainda que não tenha atingido, de fato, o centenário. Sabe-se, conforme já referido, que as idades de óbito eram, em geral, cálculos aproximativos.

Maria Dias, a quase centenária, foi filha de Antonio Teixeira, já falecido na data do seu casamento, e Maria Dias. Estes casaram em São Pedro a 30.1.1650 (Livro 2º folhas 73). O nubente foi filho de Pedro Teixeira, ou Pedro Gonçalves Teixeira, e Maria Rodrigues ou Vieira, que se casaram em São Pedro a 22.5.1601 (Livro 1º folhas 22). Os nomes alternativos de Pedro e de Maria são indício de que o autor do manuscrito teve dificuldade de leitura do assentamento paroquial.

Pedro Teixeira foi filho de Balthazar Teixeira e Maria Gonçalves que casaram na Matriz da Ribeira Grande a 2.10. 1571 (Livro 1º folhas 46 verso). Foram pais do nubente Balthazar Pires e Branca Affonso. Os da nubente foram Gonçalo Gonçalves e Catharina Lopes, esta já falecida na data do casamento da filha. Gonçalo Gonçalves faleceu a 26.9.1591, sendo sepultado na Matriz da Ribeira Grande (Livro 1º folhas 96 verso). Instituiu 2 missas perpétuas em seu testamento.

Maria Rodrigues, esposa de Pedro Teixeira, foi filha de João Gonçalves e Francisca Rodrigues.

Quando Pedro Teixeira e Maria Rodrigues casaram, em 1601, já eram falecidos Balthazar Teixeira, pai do noivo, e João Gonçalves, pai da noiva.

Maria Dias, a terceira deste nome, que casou com Antonio Teixeira em 1650, foi filha de Melchior Alves, nesse ano já falecido e Barbara Rodrigues. Melchior Alves era natural da Ribeirinha, termo da Villa da Ribeira Grande, mas casou em São Pedro da Ribeira Seca, a 12.8.1623 (Livro 1º verso), com Barbara Rodrigues.

Melchior Alves foi filho de Melchior Gonçalves ou Alvares (assim consta no manuscrito), que casou em segundas núpcias com Barbara Gaspar, na Matriz da Ribeira Grande, a 29.11.1592 (Livro 1º folhas 41 verso). O nubente foi filho de Gonçalo Alvares, casado com Catharina Gonçalves.

Gonçalo Alvares faleceu com testamento a 12.1.1584 (folhas 49). Foi sepultado na Matriz da Ribeira Grande. Catharina Gonçalves, e o autor do manuscrito acrescenta "ou esta ou outra deste nome", faleceu a 27.9.1582, com testamento (folhas 37 verso). Em ambos os casos não se acha indicado o número do livro, mas pela data infere-se que se trata do Livro 1º.

Barbara Gaspar foi filha de Gaspar Affonso, que casou com Isabel Dias na Matriz da Ribeira Grande em 1556 (Livro 1º folhas 16 verso). Uma nota acrescenta: "(O parocho não diz os paes, nem dia e mês do casamento)."

Barbara Rodrigues, esposa de Melchior Alves, casados em 1623, foi filha de Salvador Vicente e Anna Rodrigues, os quais casaram em São Pedro a 5.2.1581 (Livro 1º folhas 9 verso). O nubente foi filho de outro Salvador Vicente e Isabel Pires. Uma nota esclarece: "parece terem casado a 16.7.1551." Salvador Vicente, pai, faleceu sem testamento a 4.7.1604 (Livro 1º folhas 18, verso). Não consta a data de falecimento de Isabel Pires. A nubente Anna Rodrigues foi filha de Pedro Affonso e Catharina Fernandes. Acerca deste último casal não há qualquer indicação de datas.

Aqui cabe deter a atenção sobre dois detalhes: primeiro, o autor do manuscrito sublinhou Melchior *Alves*, que casou em 1623, e Gonçalo *Alvares*, que faleceu em 1584, avô daquele. Suponho que a grafia Alves seja por fidealidade ao que o autor do manuscrito entendeu na leitura dos assentamentos. Em 1623 o "Alves" de Melchior pode ter sido uma abreviatura de Alvares, sobrenome tomado de avô. Segundo: também está sublinhado Maria *Dias*, que casou em 1650, e Isabel *Dias*, que

casou em 1556, sua bisavó. Vale dizer: o nome de família permaneceu. Embora não haja indicação explícita no manuscrito, o paralelismo parece sugerir que o *Alvares* de Gonçalo deveria se repetir como *Alvares* em Melchior, tal como ocorreu com o *Dias* de Isabel e de Maria.

A folha 3 do manuscrito começa com o casal Francisco Dias Payão e Anna Fernandes, do qual consta que foram:

> "moradores em Rabo de Peixe, onde se não encontra o baptismo dos filhos André e Manoel, nem o obito dos paes."

A seguir é destacado, em um retângulo, o filho André Fernandes Payão e sua mulher Maria Gomes. O retângulo toma o lado esquerdo superior da folha. Abaixo seguem-se os descendentes de André e Maria.

No centro, sem qualquer moldura, está o outro filho, Manuel Dias Payão e a esposa, Victoria Rodrigues da Ponte. Logo abaixo, igualmente sem cercadura, vem Antonio Dias da Ponte, filho do casal Manoel e Victoria, e sua mulher Thereza de Sousa ou da Costa Columbreira. Nas linhas abaixo figuram descendentes deste casal, onde merece destaque Thereza Clara de Castro, que casou com Francisco Carreiro Cabral.

À direita da folha, cercados por um retângulo, figuram Manuel Dias da Ponte Payão, também filho de Manoel e Victoria, e sua mulher Maria Lopes. Uma seta descendente une esse retângulo a outro logo abaixo, onde se encontra o seguinte registro:

> "José de *Castro* Silva
> D. Anna Clara, brasileira (segue no Brasil)."

Curioso, em tudo isso, é que os nomes de Thereza Clara de *Castro* e de José de *Castro* Silva estão alinhados à mesma altura da folha 3, com o Castro de ambos sublinhado. Por quê? Não há quaisquer indicações adicionais.

Recorde-se que os nomes aqui destacados constam, por igual, na folha 1.

Todo o restante da folha 3, no centro e à direita, é tomado por descendentes de Antonio Dias da Ponte e Thereza de Sousa Columbreira, que são parentes, por via paterna, de José de Castro Silva. Contudo, não se objetiva, nesta análise, exa-

minar todos os colaterais que a folha 3 atualiza até 1873 como data mais recente.

Pode-se formar uma visão de conjunto dos dados coligidos e documentados por José Pedro da Costa, referente aos ancestrais de José de Castro Silva, através do esquema apresentado em anexo.

Numericamente, o livro *A Família Castro* relaciona 4 ascendentes de José de Castro Silva; o *Dicionário Bibliográfico Cearense* identifica 18; o manuscrito elaborado por José Pedro da Costa amplia os ascendentes para 74. Trata-se, sem dúvida, de uma contribuição por demais valiosa para aprofundar as raízes de uma família cearense.

O mérito de José Pedro da Costa, que realizou o trabalho de pesquisa, alia-se, indissoluvelmente, ao mérito do Barão de Studart, que, sem dúvida, o solicitou.